

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: PROFESSOR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

ROEL, Bárbara Cristina

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

CERDEIRA, Valda Aparecida Antunes

Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir as práticas pedagógicas utilizadas no processo de aprendizagem da leitura e escrita. A abordagem em si busca o conhecimento das práticas em diversos pensamentos que nos ajudam a conhecer o método hoje conhecido nas escolas e nos meios de alfabetização buscando transferir para os leitores o que proceder nesta fase tão relevante do processo de desenvolvimento da leitura e da escrita. Neste contexto o problema a ser discutido é que as crianças podem apreender de seus educadores neste momento tão especial de suas vidas e também o papel das instituições escolares no processo de aprendizagem. Para metodologia de trabalho utilizou-se como referencial abordagem qualitativa enfocando as pesquisas bibliográficas. E com referencial teórico a concepção de vários educadores sobre o tema. Brevemente será questionado o papel do professor e da escola como um precursor da passagem de fase da vida da criança ainda não alfabetizada como também o começo da fase de sua alfabetização. Com os resultados obtidos destaca-se a importância do professor neste processo de ensino aprendizagem e que existe a necessidade de estudos mais profundos sobre o tema.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Escrita. Leitura. Práticas Pedagógicas

ABSTRACT

This research aims to discuss the pedagogical practices used in the reading and writing learning process. The approach itself seeks knowledge of the practices in various thoughts that help us to know the method now known in schools and through literacy seeking, transfer to readers what make this very important phase of reading and writing development. In this context, the issue to be discussed is that children can learn from their teachers in this special moment of their lives and the role of educational institutions in the learning process. To work, methodology was used as a reference qualitative approach focusing on literature searches. In addition, with theoretical conception of various educators on the topic. Will soon be questioned is role of the teacher and the school as a precursor of the phase transition from child's life still illiterate as well as the early phase of his literacy. With the results highlight the importance of the teacher in the teaching and learning process and that there is a need for further study on the subject.

Keywords: Learning. Writing. Reading. Pedagogical Practices

1. INTRODUÇÃO

O ato de ensinar e a ler como sabemos é uma das principais tarefas do professor e da escola. Muito importante para o desenvolvimento das crianças a leitura e a escrita forma o personalidade e faz com que elas exerçam seus direitos, para que possam ter seu trabalho futuramente e participar da sociedade com cidadania, e para se informar se atualizar em novas coisas ao longo de toda vida.

A obrigação da instituição escola com a criança é fazer com que elas tenham contato com vários textos e que ouçam diversas histórias e que observem os adultos no caso o professor a ler e a escrever. A escola também procede que a criança participe de uma rotina de trabalho variada e que a estimule a se desenvolver intelectualmente. Neste artigo discutiremos essa fase da criança de sete a oito anos que parte do pressuposto da aprendizagem da leitura e a escrita e o quão é importante para o desenvolvimento da mesma que a escola em conjunto com o professor exerça corretamente sua função nessa fase tão importante da vida do aluno, analisaremos os fatores envolvidos para que a prática da leitura e da escrita sejam desenvolvida da forma mais natural e proveitosa e buscando alguns dos mais famoso pesquisadores sobre o tema uma discussão saudável sobre o tema para demonstrar aos leitores quão importante é este tema e o que ele traz para a sociedade em geral com uma criança que aprenda corretamente o ato de ler e escrever.

Garantir que todos os alunos passem por esse processo de aprendizagem a escola precisa ter uma proposta pedagógica formada com todas as orientações já existentes pelos estudos realizados. E nesta proposta que ficam consentidos os objetivos para cada etapa e qual atividade precisam ser realizados na sala de aula assim não será desperdiçado este tempo tão valioso. A orientação dos professores é pra que planejam suas aulas conhecendo que seu papel da evolução de uma criança é importantíssima e que sem esse planejamento de aula corre-se o risco de uma aula não aproveitada. É enfatizando que é importante que a família esteja lado a lado da criança neste processo de aprendizagem inicial na introdução do aluno na vida escolar e intelectual.

2. LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: PROFESSOR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Segundo Lerner (2002) o ato de ler e escrever procede como uma função incontestável, essa determinada função, e talvez a única que explica o significado que pode se atribuir nos dias atuais em termos tão enraizados nas práticas pedagógicas. Ensinar ler e escrever é um desafio que mostra toda a alfabetização no sentido exato. Portanto o que as escolas enfrentam atualmente como dificuldade

é introduzir os alunos na cultura escrita e também de atingir que todos os alunos que já passaram por ali cheguem a ser cidadãos de uma sociedade de leitores e escritores. A participação de todos na cultura escrita sugere apropriação de uma tradição e se supõe que assuma toda uma herança cultural que engloba diversos trabalhos como: operações com textos, relações entre os textos, conversa entre eles e seus autores, entre autores e entre os textos e seus contextos.

A leitura em si antecede o entendimento da palavra, ela acontece com a vivência que o indivíduo faz com o meio e se estende, entendemos que o texto pode ser alcançado por meio da leitura crítica implicando se na percepção do texto e o contexto, ao escrever sobre a importância de ler e reler momentos fundamentais da prática usada toma-se distância de diferentes momentos. Primeiramente a leitura do mundo depois a da palavra. Leitura do mundo sempre foi fundamental e não cria um adulto antecipado ou um racionalista, a curiosidade não destorce se ao ser exercido e a criança mesmo não sendo alfabetizada na língua escrita já carrega consigo uma bagagem de leitura de mundo através daquilo já foi vivenciada por ela (FREIRE, 1989).

Ao contrário do que considera ser que a criança no processo de ensino e aprendizagem apenas recebe o conhecimento, esse novo modo de trabalhar faz se perceber que o aluno é um indivíduo ativo no ensino e na aprendizagem. Ele é o sujeito que põe toda sua capacidade intelectual em jogo, portanto é capaz de até mesmo passar sua compreensão de tal conhecimento aos que rodeiam e gerar dúvida sobre o assunto para Teberosky e Cardoso (1989) a escola tradicional implica que o interesse dos alunos nem sempre coincidam com o seus. A criança ao ingressar na escola já possui conhecimento, considerando que ela não conheça nada sobre a língua escrita, já houve experiências em que faz o uso da palavra, por exemplo: o seu nome escrito, ou quando participa de brincadeiras ou atividades em que a escrita é um elemento importante, estabelecendo então um significado.

Entende-se que a criança ao entrar no processo da leitura e escrita começa a reler os momentos fundamentais e experiências que vivenciou, é na adolescência que se forma a compreensão crítica da leitura dos textos que lê em classe com o professor, para Freire (1989) os momentos de exercício que resultam na existência de uma página escrita começam a ser cadenciado de forma mecânica e soletrado em vez de realmente lida. Os alunos não podem apenas aprender de forma mecânica a descrição do objeto e sim aprender seu significado profundo. O modo

tradicional de memorização do conteúdo não se constitui no saber do significado do objeto, entende que a leitura textual por memorização não acarreta numa aprendizagem significativa.

Enfatiza Lerner (2002) que o desafio de formar leitores escritores críticos e não apenas indivíduos que decifrem o sistema de escrita. É formar alunos de maneira que ao longo de sua vida social saberá escolher o material conforme sua busca para resolver questões que devem enfrentar e não alunos capazes somente de concordar com o pronunciamento do outro. As dificuldades se baseiam em formar alunos que sejam capazes de analisar as entrelinhas e ter seu próprio ponto de vista explícito ou implícito, pelos textos os quais interagiram em vez de apenas continuar a formar alunos dependentes da ideia alheia. Isto significa que os alunos passam a incorporar situações em que ler seja imprescindível para desenvolver o prazer que é inerente aos textos verdadeiros.

O permanente desafio se baseia em enfrentar a universalização do letramento e dar acesso pleno as práticas de leitura e de escrita, este processo está relacionado com outro desafio que é o de avaliar e medir o avanço em direção a esse objetivo para Soares (2001) se torna necessário o uso de dados que servem para evidenciar as metas a serem alcançadas como também para estabelecer métodos de controle para os projetos de leitura e escrita. Por esse motivo desde as escolas até organizações mundiais estão sempre buscando e produzindo índices e dados estatísticos sobre os níveis de domínio das habilidades da leitura e da escrita e no uso de práticas pedagógicas que tenham por objetivo promover esse processo.

Segundo Teberosky e Cardoso (1989) o trabalho em grupo é de grande ajuda no desafio que é promover com excelência a leitura e a escrita, pois permitem e facilitam a socialização dos conhecimentos, os alunos que trabalham em grupos pequenos podem compartilhar e confrontar suas ideias e trocar informações. O papel principal é do professor, que deve saber quais os tipos de informação são relevantes a cada momento e quais desses ensinamentos farão com que os alunos progridam assim ele não se tornará apenas um transmissor de informações, seu papel consiste em mediar esse aprendizado para que seja significativo.

Para assumir a inocência dos alunos precisamos que os profissionais tenham a necessidade de estarem abertos a criatividade e criticidade, superando a ingenuidade, alguns professores possuem o autoritarismo como prática de ensino, negam que o ser solidário no ato de ensino e aprendizagem exista. Na verdade,

entendemos que o método de ensino de que “quem sabe ensina a quem não sabe” o recupere de seu caráter autoritário, é preciso saber que quem sabe, saiba que não somos detentores do saber e que o conhecimento não algo imobilizado pronto e acabado a ser depositado em algum indivíduo e sim consiste em um trabalho extenso e metódico que necessite de tempo para ser realizado (FREIRE, 1989).

Segundo Soares (2001 apud Smith, 1973) uma primeira abordagem de difícil definição que atinge os educadores é a questão do conceito de leitura e de escrita que são dois processos distintos. Ler e escrever são processos vistos geralmente como imagens espelhadas uma da outra e são reflexos opostos de um mesmo fenômeno, porém as diferenças que são características fundamentais empregadas na leitura e empregados na escrita. Apesar de essas diferenças serem fundamentais, as definições de leitura e escrita são criadas com a mesma e a única habilidade desconsiderando fatores de semelhanças entre elas, ou seja, um aluno pode ter facilidade para ler e não dispor da mesma para escrever ou alguém pode escrever fluentemente e não ser capacitado da mesma forma para ler.

Por serem práticas a leitura e a escrita possuem fatores que dificultam sua escolarização, ao contrário dos saberes que se caracterizam por estarem explícitas nestas práticas que oferecem certas resistências tanto as análises como em uma programação por aparecerem como trabalhos de atividades de outros leitores escritores. Portanto não é fácil esclarecer o exato momento que os alunos aprendem ao tentar introduzir a leitura e a escrita na escola é evidente que se aprende, na realidade são perguntas cuja respostas não são claras, por outro lado como uma criança aprende com a leitura de um professor, ou se apropria das linguagens dos contos, ou quando começam a recomendar livros e a terem diferentes maneiras de interpretar o mesmo texto (LERNER, 2002).

Para Teberosky e Cardoso (1989) existem fatores pedagógicos que são essenciais para planejar as atividades de um grupo de alunos. Sendo eles: devemos considerar necessário uma avaliação do grupo antes da realização da primeira atividade; levar em consideração as seguintes formas de realizar as situações escolares que são as condições sociais (caracterização dos seus membros), condições materiais (tipo de material a ser trabalhado), condições ambientais (local a serem realizadas as atividades) e finalmente realizar as atividades que dão lugar a diversos níveis individuais e que permitam a realização dos trabalhos em duplas ou em grupos.

Com um pensamento de Freire (1989) desde o início na prática crítica e democrática a leitura do mundo e a leitura das palavras estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita parte de temas que possuem um significado comum para os alunos que estão em processo inicial de alfabetização e não de temas ligados à experiência do professor. A leitura do mundo em que vivemos não pode ser somente a repetição memorizada do que se vê no mundo. E sim uma participação real de interpretação do mundo real com entendimento sentimental das coisas que estão ao seu redor e sob seus pés.

Considerando que apenas as dimensões de cada indivíduo na sociedade determinam quais habilidades de leitura e escrita se caracterizam como uma pessoa realmente letrada (ler e escrever com compreensão). A dimensão que atinge socialmente a leitura e a escrita nos remetem ao fato da incursão do aluno na sociedade. Um aluno letrado se confirma na sociedade e altera com seu conhecimento, trazendo então uma somatória de valores para o bem comum. Ele apenas não divide o conhecimento já existente, mas como também se vê comprometido a compartilhar para os demais suas reflexões e seu saber (SOARES, 2001).

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A LEITURA E A ESCRITA

Segundo Manguel (2004) por volta do ano de 1984 duas pequenas placas de barro em um formato retangular foram descobertas em Tell Brak, Síria, com datas inferiores a quatro mil anos antes de Cristo. Atualmente se encontram no Museu Arqueológico de Bagdá. Nessas peças encontradas há desenhos de uma espécie de animal puxado por uma vara no centro. Como descrito pelos arqueólogos nesta placa se entende que é apenas uma palavra o número dez. E toda história da escrita começa com essas duas simples placas que estão entre os exemplos mais antigos já registrados sobre a comunicação entre humanos. Mas não é só isso quando se olha para estas gravuras percebe que o que se retratou ali já não existe a muito tempo, mas pelo fato de olhar estas placas preserva o pensamento muito tempo depois que o pensador parou de pensar e nos torna participantes do ato de criação.

Em virtude da falta de longos textos e de um público leitor, a leitura na forma como é conhecida hoje não existia até a antiguidade clássica. Os leitores do passado observavam a argila e a madeira entalhada ou ditavam cálculos e o verbo

tonava-se visível. Poucas pessoas na antiguidade tinham motivos para aprender a ler: apenas os que desejavam conferir uma conta, verificar um rótulo ou conferir uma escritura de terra. Os escribas da época entoavam documentos jurídicos e homenagens escritas. O grande acervo da época era em argila e logo após os papiros começaram a surgir embora com a principal finalidade de supervisionar e controlar contas e contratos bem também como estimular a memória da extensa história oral (FISCHER, 2006).

Segundo Manguel (2004) as palavras escritas desde os primeiros anos e das primeiras tabuletas, destinavam a ser pronunciadas em voz alta. A frase clássica dita por filósofos da época era somente que a escrita ficava para eternidade e as palavras voavam e sumiam logo. As primeiras línguas bíblicas a aramaico e hebraico não distinguem o ato de ler e o ato de falar, para essas duas línguas antigas ambas tinham o mesmo sentido. Logo veio a ser reiterado ao longo do tempo e das histórias contadas. A importância da leitura se dava na importância maior da escrita. Que era talhada na pedra para a eternidade e para que as novas gerações nunca esquecessem as regras feitas na antiguidade pelos anciãos.

Na maior parte da história ler significava declamar. As pessoas que tinham acesso às escrituras e manuscritos percebiam que declamações de dados, cálculos e textos podiam ser facilmente alteradas contestadas e esquecidas. Uma testemunha especial se tornou necessária no decorrer da história, ela era capaz de recordar todos os fatos sem alterá-los e ter o valor das mercadorias com exatidão que pudesse ser consultada por todos e a todo o momento. Assim nasceu a escrita transformando em sua principal fonte o pensamento humano em pedra. Com o desenvolver das cidades e do relacionamento entre os seres humanos se tornou cada vez mais importante e complexa a documentação escrita, sendo todas com a finalidade oral (FISCHER, 2006).

Estes laços da leitura e da escrita foram atados de uma forma com a evolução humana tecendo uma linha entre a história da humanidade e a aprendizagem da escrita em um indivíduo, pois desde as primeiras eras até os tempos modernos o homem se mantém firme na relação com a escrita e as primeiras inscrições eram feitas por meio de desenhos que visam reproduzir de forma semelhante que é a aprendizagem da escrita na infância. Assim como a criança mantém seus primeiros contatos com as folhas em branco, rabiscando-as, desenhando nas mesmas e

reconhecendo as figuras. Da mesma maneira que os primeiros humanos começaram a registrar sua história nas paredes de cavernas (GOMES, 2007).

Manguel (2004) também salienta que o ato da escrita não foi o único invento que nasceu dessa época, outra criação surgiu naquele mesmo momento. Uma vez que o objetivo do ato da escrita era que o texto por sua vez seria futuramente resgatado e lido. Esta incisão fez aparecer simultaneamente um papel ou uma nova função o *leitor*. Ao tempo em que o primeiro escritor concebia uma nova arte uma nova escrita ou naquele tempo era fazer marcas num pedaço de argila ou madeira, aparecia tacitamente outra arte a qual as marcas não faziam nenhum sentido. O escriba era um criador de signos de sinais, mas suas mensagens não faziam nenhum sentido se não houvesse outro alguém capaz de decifrar suas obras. Escrever exigia fundamentalmente ter um leitor.

A escrita sempre foi diferente da leitura como define Fischer (2006), pois a escrita prioriza o som uma vez que a palavra dita deve ser submetida e desmembrada em sinais que representam. A leitura, no entanto, prioriza o significado. O ato de ler na verdade pouco tem a ver com a habilidade de escrever. Mesmo com o pensamento que a leitura e a escrita estejam sempre relacionadas, cada uma delas ativa regiões distintas do cérebro. A escrita é uma habilidade e a leitura uma aptidão natural. A escrita se originou de uma elaboração e a leitura da compreensão. A escrita se torna pública já a leitura é privada. E o mais importante a leitura é para sempre e a escrita congela o momento.

No ato que o primeiro escrivão começou a desenhar e murmurar suas primeiras letras nos faz também lembrar do primeiro contato que a criança tem com a leitura, pois num contexto histórico como salienta Manguel (2004) que o corpo humano já na antiguidade era capaz de executar os atos de escrever e ler sem saber o que aquilo significaria em um futuro para toda a humanidade. Assim o corpo já era capaz de armazenar, recordar e decifrar todas as sensações e sentimentos que a linguagem escrita trazia a si mesmo. Essa intenção de que o ser humano tem a habilidade de ler antes de ler de fato. Com a escrita tudo se torna capaz a linguagem desenvolve, descobre uma palavra ou uma ideia apenas com um olhar. Nossos antepassados tornaram essa capacidade explícita que está no começo de uma relação com as artes da conversação e da leitura.

Vygotsky (1984) descreve que a linguagem escrita é construída por um sistema de signos que revelam sons e as palavras da linguagem falada por sua vez

conotam esse sentimento de relação entre as pessoas. Assim compreendemos que a linguagem escrita não pode ser conquistada de forma mecânica pois ela é uma relação de sentimentos entre os seres que dela usam. É a única forma de nos aproximarmos de uma solução correta de aprendizagem e nos remeter a história da escrita, nela o que de fato era sentido através das palavras serem criadas e reportadas a um pedaço de pedra ou de madeira.

Fischer (2006) defende que a leitura e a escrita nos primórdios da história, eram em especial uma questão de escutar, ou seja, de imaginar o discurso pela observação dos sinais e símbolos uma vez que a leitura visual já acontece mesmo nas crianças antes de serem alfabetizadas, elas já possuem uma grande memória visual antes de serem incluídas nas escolas. Essa teoria da imaginação auditiva se torna respeitável pelo fato que já no passado começou assim. Apenas com o uso dos sentidos e logo desenvolvendo para algo mais codificado e desafiador.

Até os dias atuais a escrita ocupa um papel estreito na prática escolar, em relação ao fundamento que ela desempenha no desenvolvimento da criança. Habitualmente se ensina as crianças a desenhar letras e com elas construir palavras, mas ainda assim não se ensina a linguagem escrita. Vygotsky (1984) enfatiza que criança aprende de forma mecânica a ler e escrever obscurecendo a linguagem escrita. Tal situação primeiramente pelos fatores históricos, que contribuíram com uma pedagogia prática apesar da existência de muitos métodos de ler e a escrever tem-se ainda a desenvolver um procedimento científico para o ensino da linguagem escrita as crianças. O ensino da linguagem escrita necessita de treinamento e para tanto a presença do professor podendo mediar ou até mesmo promover o desenvolvimento de habilidades técnicas

3. MATERIAIS E METÓDOS

Este trabalho delimita-se a artigo científico com revisão bibliográfica, elaborado a partir da análise de referenciais teóricos ou fontes bibliográficas.

A revisão bibliográfica, segundo Martins (2001) ou revisão de literatura se baseia na análise crítica e ampla das publicações de um determinado trabalho ou de uma determinada área de conhecimento. Esta pesquisa procura buscar e discutir o tema com outros trabalhos com as mesmas áreas publicadas em livros, artigos científicos e periódicos entre outros. Também conhecendo e analisando os mesmos.

Gil (2008) também acrescenta que pesquisa bibliográfica são trabalhos desenvolvidos de trabalhos já elaborados, formado por artigos científicos e livros.

4. CONCLUSÕES

Concluimos que grande parte da responsabilidade é dos gestores da escola e dos professores que são responsáveis por dar dicas aos pais sobre como ajudar seus filhos nesse processo de desenvolvimento das práticas da leitura e da escrita, e com base num Conselho Escolar pode se aliar ao aluno neste sentido.

A existência de uma escola desenvolvida com toda a base instrumental faz toda a diferença na aprendizagem e não basta apenas aquele estudo padrão de que o aluno que precisa se enquadrar no movimento se não ele acaba não sendo aproveitado pelo processo. Muitas vezes o que podemos conceber com o estudo realizado é que o aluno passa grande parte de seu tempo ocioso entre seus estudos dando importância a outras atitudes do professor que não o levarão ao desenvolvimento de seu processo de leitura e escrita. Um aluno não pode ser considerado como uma máquina e que se ele não se adequar aos métodos ele não estará pronto para ser um bom leitor ou escritor. Toda criança é capaz de aprender uns mais rápidos outras mais devagar, uns com mais facilidade e outro com mais dificuldades, porém todos. Nesta dimensão tomamos por parte que só a introdução na leitura e na escrita traz consigo a inserção do ser humano na sociedade, só assim ele vai poder ir atrás dos seus direitos e ser um adulto realmente capaz de acrescentar a sociedade e torna-la mais justa para os que irão vir.

5. REFERÊNCIAS

FISCHER. S. **História da Leitura. Pág. 8.** Editora UNESP. São Paulo 2006. http://books.google.com.br/books?id=vE_TtRotBFsC&pg=PA7&hl=ptBR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false. Acessado em: 23 Abr. 2015.

FREIRE. P. **A importância do Ato de Ler.** Editora Cortez 17^o Edição. São Paulo. 1989.

GIL. A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6^a ed. São Paulo. Atlas, 2008.

GOMES, E. **A Escrita na história da humanidade.** 2007. http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Eduardo_Aspectos_da_escrita_na_Historia_da_humanidade.pdf. Acessado em: 23 abr. 2015

LERNER, D. **Ler e escrever na Escola: o real, o possível e o necessário.** Editora Artmed. Porto Alegre. RS 2002.

MANGUEL, A. **Uma História da Leitura. Pág. 13.** Companhia das Letras. São Paulo 2004. [http://copyfight.me/Acervo/livros/MANGUEL,%20Alberto%20-%20Uma %20histo %CC%81ria%20da%20leitura.pdf](http://copyfight.me/Acervo/livros/MANGUEL,%20Alberto%20-%20Uma%20histo%CC%81ria%20da%20leitura.pdf). Acessado em: 23 abr. 2015.

MARTINS, G.A. & PINTO, R.L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos.** São Paulo. Atlas, 2001.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Editora Autêntica. Belo Horizonte MG. 2001.

TEBEROSKY, A. CARDOSO, B. **Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita.** Editora da Unicamp. Campinas-SP. 2000.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2007.